

## DESENHOS DAS MARCAS DE FERRO E FESTAS DE VAQUEIROS: ESPAÇOS DE LABUTA E LUDICIDADE

Agamenon Mendes Cerqueira  
UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana.  
agamc27@gmail.com

Lysie dos Reis  
UNEB - Universidade Estadual da Bahia  
lysiereis@gmail.com

### Resumo

As Festas dos Vaqueiros são manifestações culturais populares do universo sertanejo, realizadas especialmente nas regiões sul, sudeste e nordeste do Brasil. O recorte territorial aqui privilegiado é o município de Itaberaba, localizado no Piemonte do Paraguaçu no final do século XIX. O objetivo deste artigo é debater conceitos acerca das festas de vaquejada e argolinha, aqui consideradas como práticas brincantes inerentes ao registro do desenho da marca de ferro no couro da rês, que possuía fins de identificação e controle, portanto, atrelado ao âmbito profissional. Para isso, foi necessário examinar o movimento de construção e ressignificação do território através da história local, utilizando entrevistas com antigos vaqueiros da região, que nos permitiram conhecer parte das suas memórias. Os escritos de câmara cascuda foram aqui utilizados como plataforma para descrever as práticas sociais deste mestre do sertão, que é o vaqueiro: a partilha, sua vestimenta e o dia mais especial da sua rotina: a prática das vaquejadas e argolinhas – festividades carregadas de significados, labuta e ludicidade.

**Palavras-chave:** Itaberaba, Desenho, Vaquejada, Argolinha.

### Abstract

The Vaqueiros festivities are popular cultural manifestations of the sertanejo universe, especially in the south, southeast and northeast regions of Brazil. The territorial cut here privileged is the municipality of Itaberaba, located in Piemonte do Paraguaçu in the late nineteenth century. The purpose of this article is to discuss concepts about the vaquejada and argolinha festivities, considered here as hiring practices inherent to the registration of the design of the iron brand in the leather of the cattle, which had identification and control purposes, therefore, linked to the professional scope. For that, it was necessary to examine the construction and reframing movement of the territory through local history, using interviews with the region's former cowboys, who allowed us to know part of their memories. The chastity writings were used here as a platform to describe the social practices of this master of the sertão, who is the cowboy: sharing, his dress and the most special day of his routine: the practice of vaquejadas and argolinhas - festivities loaded with meanings, toil and playfulness.

Key words: Itaberaba, Drawing, Vaquejada, Argolinha.

## 1 Introdução

A marcação de animais, à ferro quente, utilizada para identificar a propriedade animal nos pastos e nas fazendas, é uma prática que chegou ao Brasil junto com os colonizadores portugueses. O uso dessa técnica é antigo, e data de um período de mais de quatro mil anos no Antigo Egito, com comprovações imagéticas que flagram esse momento. Esses desenhos que compõem o artefato, ferro de marcar, aqui no Brasil passaram por um processo de territorialização e reterritorialização, ambos influenciaram para a composição das Festas de Vaqueiros. Aqui veremos que essas manifestações típicas das práticas populares dos sertanejos nordestinos, reconhecidas como bem imaterial, se revelam em saberes, ofícios e modos de fazer. Essas, por sua vez, estão arraigadas de cerimônias tradicionais que fortalecem as peculiaridades do homem no campo que atuam segundo seus códigos e ritos.

Os desenhos das marcas de ferro (Figura 1)<sup>1</sup> e das Festas de Vaqueiros possuem uma estrutura simbólica que lhes dão sentido em suas representações, próprios de um bem cultural constituído nas práticas dos sujeitos.

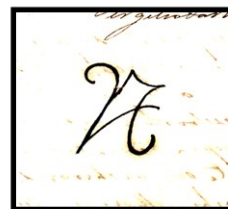


Figura 1 – Marca de ferro do Senhor Virgílio das Neves  
Fonte: Arquivo Público Municipal Roque Fagundes de Souza

As marcas de ferro são verdadeiros brasões que identificam principalmente o gado de determinada família ou fazendeiro, mas também, podem identificar fazendas e objetos nela existentes. São representações que comunicam propriedade, como a marca do Senhor Virgílio das Neves, que na sua composição se refere a monograma com as letras iniciais de seu nome “V” e “N”. Além dos monogramas, os desenhos das marcas de ferro podem aludir-se a tantas outras inspirações, como os símbolos dos zodíacos, números e elementos do universo sertanejo. No curral, a marcação do desenho a ferro quente no couro do animal faz parte do ofício do Vaqueiro, e por ser uma prática coletiva, e não silenciosa, é repleta de estímulos sensoriais: tem aboio, cantoria, gritaria, fogueira para esquentar os ferros de marcar e cheiro de couro queimado. E como recompensa da labuta, tem comemoração regada à comida e bebida. Tem Festa de Vaqueiro.

<sup>1</sup> Documento custodiado no Arquivo Público Municipal Roque Fagundes de Souza. Fundo da Intendência Municipal. Grupo da Secretaria da Intendência. Série: Registro marcas de ferro. Data limite: 1883-1931. Estante 34. Caixa 934

No contexto sertanejo, a simples referência ao tema *Festas de Vaqueiros* pode acessar memórias e vivências que fazem conexões com as vaquejadas, argolinhas e outras festas similares, como os rodeios e as cavalhadas, estas realizadas em especial das regiões sul, sudeste e nordeste do Brasil. Aqui o recorte da pesquisa de campo é a cidade de Itaberaba, que está localizada no Território de Identidade Baiano do Piemonte Paraguaçu, composto por cidades com espaço físico e geográfico definido, caracterizado por critérios multidimensionais e com uma população que se relaciona interna e externamente por meio desses processos específicos<sup>2</sup>.

Algumas destas festas têm estilos parecidos em seus estágios, onde os sujeitos envolvidos lidam de maneiras específicas com os animais, com os códigos e com os símbolos que envolvem tais práticas. E cada uma dessas expressões ganha contornos próprios seguindo o meio fio das manifestações populares, criando um desenho único. Assim, se faz necessário debater conceitos acerca das festas de vaquejada e argolinha, aqui consideradas como práticas brincantes inerentes ao registro do desenho da marca de ferro no couro da rês, que possui fins de identificação e controle, pertinentes ao âmbito profissional. Para tanto, foi necessário a coleta de relatos orais durante os festejos<sup>3</sup> em Itaberaba, bem como, através de conversas informais com os praticantes dos eventos no Território Piemonte Paraguaçu, os quais tiveram seus nomes preservados, sendo aqui identificados apenas com as iniciais de seus nomes. Assim, foi possível a construção de uma rede de informações que suscitasse reflexões sobre os conceitos das Festas de Vaquejadas e Argolinhas, observando o movimento de territorialização e desterritorialização dessa manifestação popular, utilizando imagens que representam essa expressão lúdica numa manifestação brincante, que aqui estão registradas pelo olhar sensível do artista plástico Augustu<sup>4</sup> e que revela em desenhos aquarelados a poética do lugar festivo ao longo do texto.

## **2 Vaquejadas e Argolinhas: Recompensas da lida**

O protagonista das vaquejadas, argolinhas e festas similares realizadas no interior baiano, bem como, em grande parte do Brasil, é, sem sombra de dúvidas, a representação imagética do Vaqueiro. Essa figura lendária e misteriosa, que cuida da administração e dos afazeres da fazenda, que, para se proteger da vegetação, veste

---

<sup>2</sup> Lei nº 13.214 de 29 de dezembro de 2014, que dispõe sobre os princípios, diretrizes e objetivos da Política de Desenvolvimento Territorial do Estado da Bahia, institui o Conselho Estadual de Desenvolvimento Territorial - CEDETER e os Colegiados Territoriais de Desenvolvimento Sustentável – CODETERs.

<sup>3</sup> 76ª edição da Festa dos vaqueiros de Itaberaba realizada no ano de 2016.

<sup>4</sup> Felipe Augusto Barreto Rangel é professor, historiador da arte e aquarelista. Produz ilustrações aquareladas para os mais diversos suportes, especialmente na temática da cultura popular, festas e religiosidades.

roupas de couro. Essas roupas que compõem o traje (Figura 2) podem parecer exageradas, mas não o são. Sua serventia é guardar o corpo do sertanejo, como uma couraça, “dos golpes vindos do mato e da árvore que não abrem caminho”<sup>5</sup>.

Na descrição da imagem do Vaqueiro baiano, Cascudo (1956) o faz através dos olhos do príncipe Wied-Neuwied<sup>6</sup>, em janeiro de 1817, nos limites de Minas Gerais:

são os “vaqueiros” ou “campistas”, como os chamados em Minas Gerais, vestidos de couro de veado da cabeça aos pés.[...]A sua vestimenta consta de sete peças feitas de couro de veado; o chapéu, pequeno e arredondado com base estreitas, que se alarga e se alonga para trás para formar uma pala que abriga o pescoço; o “gibão” ou jaqueta, aberto na frente, por baixo do que está o “guarda-peito”, largo pedaço de couro que desce até à barriga; as “perneiras” ou calção, por debaixo das quais estão as botas munidas de esporas. Uma vestimenta desse gênero dura muito tempo, é fresca, leve e defende-o dos espinhos e das pontas de galhos. (CASCUDO, 1956, p. 45-6) .

Complementando a descrição do príncipe Wied-Neuwied, observa-se outros adereços, comuns aqui no Território Piemonte Paraguaçu, de igual importância na composição do traje do Vaqueiro: são as luvas que cobrem o dorso das mãos e os sapatos de couro cru, com grande resistência, chegando a durar mais de dez anos de uso. Entretanto, não podemos esquecer seu companheiro

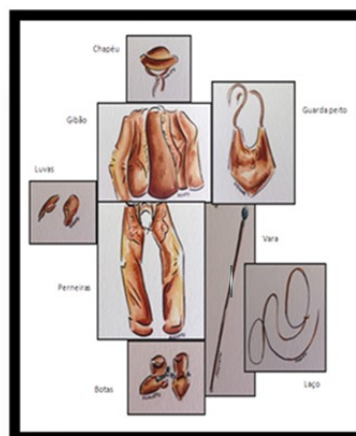


Figura 2 – Desenho inspirado nos trajes do Vaqueiro  
Fonte: Arquivo pessoal (autor: Augustu)

inseparável: o cavalo, sempre paramentado com acessórios de couro e metal, imprescindíveis, como: o peitoral e o conjunto da cabeçada, composta pelas rédeas e os freios. O animal é quem concede a montaria ao Vaqueiro em sua lida diária, e nos momentos de lazer é um personagem importante que compõe um trio emblemático, somado ao Vaqueiro e ao gado, presentes nas representações das muitas tradições sertanejas.

Faz-se necessário distinguir o que é vivenciado pelos participantes das Festas de Vaquejada e das Festas de Argolinha. Práticas impregnadas de códigos visuais e

<sup>5</sup> Entrevista concedida pelo Senhor S.I.S., 81 anos. Vaqueiro aposentado da cidade de Boa Vista do Tupim, em 30 de abril de 2016.

<sup>6</sup> Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied foi um príncipe renano que esteve no Brasil no início do século XIX, onde estudou a flora, a fauna e as populações indígenas. Foi um naturalista, etnólogo e explorador alemão. <http://www.revista.ufpe.br/revistacliio/index.php/revista/article/view/397>. Consultado em 29/07/2016 as 09:34

regras traduzidas nos signos presentes nas duas manifestações. Signos estes, que permeiam o conjunto de rudimentos contidos nas festas, no próprio Vaqueiro e na sua prática laboral. É uma composição triádica que subjaz uma rede complexa de representações. Santaella (2012) aponta o signo como “uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Que só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele”. E para isto, faz-se necessário de um intérprete que:

não se refere ao interprete do signo, mas a um processo relacional que se cria na mente do intérprete. A partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do primeiro. (SANTAELLA, 1980, p. 91)

Assim, considerando a existência de diversos signos nas Festas de Vaqueiros e a representação construída para cada um deles, existe também um movimento de construção e desconstrução dos códigos visuais existentes nos dois eventos. E a medida que as Vaquejadas e Argolinhas vão se modificando ao longo do tempo, e se deslocando de lugar, as festas assumem novas características, entram em processo de desterritorialização. Tal processo, segundo Renato Ortiz (1994), sociólogo e estudioso do termo, toda desterritorialização é acompanhada por uma reterritorialização.

Com as Festas de Vaquejadas e Argolinhas, o processo de construção e desconstrução corrobora para a sobrevivência dessas práticas que habitam em sua origem, pois as festas assumem características vindas do labor pecuário, da ferra do gado, e, ao mesmo tempo, assumem os aspectos lúdicos dos Vaqueiros e de outros praticantes. Araújo (1964) descreve a vaquejada como uma espécie de “mutirão” de Vaqueiros, que se destinava a ajuda no momento da “apartação”<sup>7</sup>, “partilha” do gado, e também como momento de diversão para manter somente as características de competição amadora. Ainda para o autor, a “apartação” era o momento festivo no campo, pois era período de reunir os Vaqueiros para separar o gado que nasceu durante um determinado período, ou seja, era momento de Vaquejada. Significa dizer que o momento de “partilha” com a realização de festa, era a Vaquejada, caso contrário seria apenas a partilha.

Nos escritos sobre a Vaquejada, Cascudo (1956) relata que é a festa mais tradicional do ciclo do gado na região nordeste. Assim como Araújo (1964), Cascudo relaciona a Vaquejada com as finalidades laborais da apartação. Essa reunião era um momento para negociar vendas e realizar trocas de gado, e já que havia um

---

<sup>7</sup> Identificação do gado de cada patrão pelos Vaqueiros, para seguir a marcação a ferro em brasa na anca do gado.

aglomerado de tantos homens sem diversão, era chegada a hora de aproveitar o momento para testar e colocar à prova as habilidades e a força na derrubada, onde só os touros, os novilhos e os bois tinham as honras de participar. Já os bezerros, as vacas e os bois velhos eram separados e afastados da arena. Em Itaberaba, as reuniões de Vaqueiros também serviam para executar a ferra de bezerros, como relata o senhor J.M.S.:

Antigamente tinha isso sabe! O povo reunia, fazia um feijão, matava um carneiro, um negócio desses... vinha um monte de vaqueiro pegar um mamote<sup>8</sup> na mão de cinco, oito arrobas. Tudo era na mão por que não existia nem tronco. E era uma barulheira de tanta gente..., dez, quinze vaqueiro, fazia tipo uma farra entendeu? chamava a ferra de bezerro<sup>9</sup>.

## 2.1 A Festa de Vaquejada

Na Festa de Vaquejada, a “derrubada” consiste em agitar o novilho e soltar para fora da porteira em disparada, obedecendo a uma área de tolerância que o novilho não poderá retornar. Caso já se tenha ultrapassado, o Vaqueiro pode até ser desclassificado. Na saída, dois Vaqueiros correm um de cada lado do animal, com funções diferenciadas e preestabelecidas: um corredor tem o papel de “esteira”, também conhecida como “bate esteira”, ou seja, é aquele que mantém o gado correndo em direção da faixa de derrubada, e também tem como função, auxiliar o Vaqueiro “puxador” durante a corrida, “dando o rabo”<sup>10</sup> do animal para o ato final, a derrubada. O “bate esteira” pode exercer essa função para diversos puxadores, sendo recompensado com 10% do valor total em cada corrida.

O puxador, aquele Vaqueiro que tem a função de derrubar o novilho, utiliza uma luva específica (Figura 3), projetada para enrolar a cauda do animal, garantindo o apoio necessário no momento da arrancada para uma eficácia na derrubada. Com o cavalo em disparada, muito rapidamente, o Vaqueiro se aproxima do animal, recebe a cauda pelas mãos do “bate esteira”, envolvendo-a na mão, e saindo em disparada, puxa bruscamente para desequilibrar o animal e cair de pernas



Figura 3 – Luva para a derrubada do novilho nas vaquejadas  
Fonte: Arquivo pessoal (autor: Augustu)

<sup>8</sup> Cria que ainda mama.

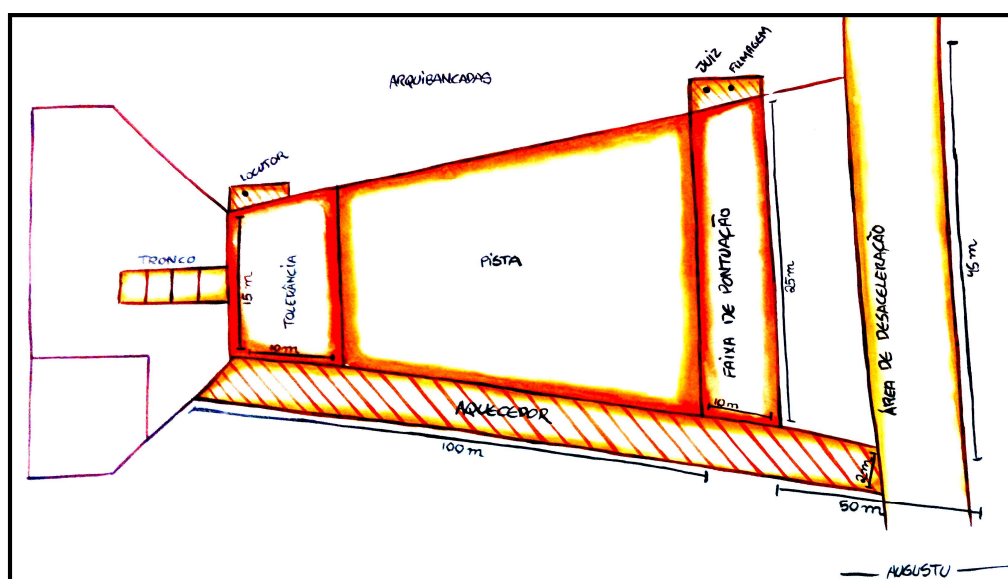
<sup>9</sup> Ferra de bezerro é o nome dado a esta movimentação para ferrar os animais. Entrevista concedida em 04 de janeiro de 2016 pelo senhor J. M. S., 75 anos de idade, administrador da fazenda Alvorada em Itaberaba.

<sup>10</sup> Expressão usada pelos Vaqueiros, que consiste na passagem da cauda do animal das mãos do “passador” para o Vaqueiro que vai derrubar.

para cima na área demarcada como limite. Para realizar tal feito é imprescindível que o “puxador” projete seu corpo para o lado oposto da réis, como um pêndulo, para ajudar a manter-se sobre o cavalo. Se o Vaqueiro obtiver sucesso em sua rodada será aclamado e receberá em torno de 20% do valor total do prêmio, caso contrário, poderá até ser vaiado. “Nas boas Vaquejadas cada touro derrubado merece toque de música, estouro de foguete e um laço de fita amarrado no braço do Vaqueiro” (CASCUDO, 1956, p.13).

Em uma perspectiva crítica, as Festas da Vaquejada são consideradas “um show”, no qual em seus primórdios, os Vaqueiros ganhavam apenas uma recompensa simbólica, um “agrado”, uma pequena quantia em dinheiro pela participação na “brincadeira”, e somente os coronéis e fazendeiros que apreciavam e faziam apostas entre si. Muito diferente do que podemos ver hoje em dia (REIS, 2012).

As arenas, onde são realizadas as Festas de Vaquejadas e Argolinhas, assumem características bem peculiares. A pista de Vaquejada pode variar no tamanho, o que a padroniza é a superfície de areia. O sr. D.M., “puxador”, relata que 100 metros é uma distância boa da área de disparada antes de derrubar o boi, contando com a faixa de tolerância, que tem geralmente 10 metros. Já a faixa de pontuação, onde o boi é derrubado, também tem em média 10 metros. A partir da descrição do sr. D.M. foi possível conceber a arena através do desenho de Augustu (Figura 4). Assim, podemos verificar a pista da vaquejada com as medidas estipuladas por Sampaio (2016) em algumas competições.



**Figura 4** - Planta baixa da arena de Vaquejada  
Fonte: Arquivo pessoal (autor: Augustu)

“Depois que o touro sai da cancela ele não pode virar a cabeça, se ele voltar perde os pontos.”<sup>11</sup> Essa regra é importante, pois se o animal retornar da área de corrida para a área de tolerância, o Vaqueiro perde pontos. Como pode ser percebido no desenho acima, a distância da faixa de tolerância para a faixa de pontuação são 90 metros. É nesse espaço que o touro é ajustado para a derrubada. Após a faixa de pontuação, a pista continua mais 50 metros para dar condições ao Vaqueiro de desacelerar o cavalo. A pista possui um formato de um triângulo isósceles, com medidas na largura de aproximadamente 15 a 20 metros na saída, 25 metros na faixa de pontuação e 45 metros no final da pista. A área que o sr. D.M. informou como “aquecedor”, na verdade é o “corredor” que serve para o touro sair da pista, pois o mesmo vai dá saída do “tronco” até o final da pista, com largura aproximada de 2 metros. Isso não invalida que os Vaqueiros a utilizem para se aquecerem com seu cavalo antes da corrida.

### 2.3 A Festa de Argolinha

As Argolinhas, não menos importantes que as Vaquejadas, fazem parte das Festas de Vaqueiros. Mas, a Argolinha, antes de ser conhecida como um torneio, uma competição, também fazia parte da vida cotidiana do Vaqueiro. São atividades onde se ajunta o gado costeado, encalça o gado esquivo, laça bois habilmente nas rápidas carreiras, entre outras evoluções que terminava numa tumultuosa brincadeira. A Argolinha, realizada ali mesmo, numa manga<sup>12</sup> próxima da casa do sítio, é uma brincadeira improvisada nos campos próximos das residências, depois do dia de trabalho no campo. Hoje, realizada em espaços denominados de “prado”, que segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (1789, p.227) significa “*campo de herva, não cultivado*”, é uma definição que reforça sua raiz.

Na obra *Os Sertões*, descrita por Euclides da Cunha, a Argolinha é comparada com um jogo popular que lembra as *justas medievais*, uma espécie de combates entre cavalheiros, onde é revelada a aproximação entre algumas evoluções. Essas semelhanças nos fazem retomar, mais uma vez, ao que Pimentel (2006) aponta como reterritorialização, que se aplica nos pontos de convergências dessas manifestações como símbolos compartilhados e transformados em produto cultural, que tem conexões com elementos estéticos de outras culturas. Nessa perspectiva, nota-se algumas similitudes que se agregam na construção de um conjunto de signos que

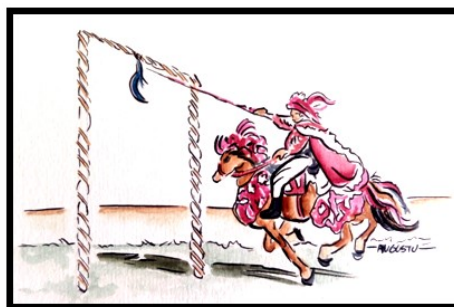
---

<sup>11</sup> Informação obtida em entrevista pelo puxador de vaquejada Sr. D.M.

<sup>12</sup> Área que serve para deixar o gado descansar.

formam um jogo de semelhanças na tentativa de conhecer o similar. (FOUCAULT, 1999).

As festas de Vaqueiros que mais se assemelham aos torneios e justas medievais são as Cavalhadas (Figura 5), uma prática mais frequente no Rio Grande do Sul, mas, as mesmas serão citadas aqui para exemplificar os elementos similares com as Argolinhas realizadas na região Nordeste. Segundo Alves (2000), as Cavalhadas



**Figura 5 – Cavalhadas**  
Fonte: Arquivo pessoal (autor: Augustu)

manifestam-se em jogos equestres nos quais os cavaleiros tem a oportunidade de demonstrar sua habilidade no domínio do cavalo e no manejo de armas. A competição constitui-se de provas em que os participantes devem atingir alvos previamente colocados em campo (bonecos, cabeças de papelão) e recolher pequenas argolas penduradas numa trave, tudo isso durante rápido galope. (ALVES, 2000, p.12)

Interessa-nos observar a segunda parte da imagem do ritual descrito, aquela que faz vinculação com a Argolinha, onde as semelhanças estão no momento em que os participantes devem acertar e resgatar uma pequena argola de metal, presa em uma trave com o cavalo em velocidade. Geralmente, o protocolo para iniciar as corridas de Argolinha, que sempre termina em festividade envolvendo música, dança, bebida, versos e aboios, funciona da seguinte maneira: após a inscrição dos grupos interessados, cada Vaqueiro em seu cavalo, e as vezes, vestido com seus trajes típicos encourados, tem por objetivo a retirada da argola do tamanho de um anel presa em uma trave que compõe o “prado” (Figura 6).



**Figura 6 - Festa da Argolinha**  
Fonte: Arquivo pessoal (autor: Augustu)

O “prado” é o espaço onde os Vaqueiros correm a Argolinha e em algumas situações essa estrutura é planejada e instalada em local fixo. Em outras, sua estrutura é móvel, ou seja, montada e desmontada de acordo a necessidade e organização do evento. Em algumas localidades da zona rural, do Território do

Piemonte Paraguaçu, já existem prados fixos e estruturados, que necessariamente não precisam ter uma medida “oficial”. Já na sede do município, quando se pretende

realizar o evento, é montado sazonalmente de acordo as necessidades da Festa do Vaqueiro. Geralmente o prado é instalado em terreno plano, capaz de oferecer aos competidores condições de galopar, atendendo as expectativas de acomodação do público apreciador, que não paga nada para assistir. O prado, na maioria das vezes, é composto por 03 (três) espaços, o primeiro é destinado ao agrupamento, ou seja, “área de concentração”, onde os Vaqueiros se reúnem para a largada após o locutor “cantar”<sup>13</sup> o nome daqueles que vão participar da rodada. Nesta área também fica o curral para arrumação dos animais, este espaço deve ter em média 20 m de largura. Autorizada a saída os Vaqueiros, entende-se o segundo espaço do prado, composta pelos corredores, medindo 2m de largura e 50 m de comprimento, que podem ter em números de dois, três ou até quatro corredores, feitos geralmente com estacas afixadas no solo, que delimitam e direcionam o caminho até o final da pista, onde está uma trave com as argolas presas em um travessão. E por fim, uma área de dispersão que serve para diminuir e frear a carreira do Vaqueiro impressa ao cavalo, que deve ter em média 50m de comprimento.

Ao longo de toda a pista é indicado a existência de um corredor com 3m de largura para o retorno dos Vaqueiros de cada rodada. Outras recomendações são as presenças de equipes socorristas com ambulância, caso seja preciso.

É preciso muita coragem para demonstrar as muitas aptidões em um só momento: cavalgar em alta velocidade, domínio do cavalo, manter-se estável como se fosse possível planar sobre o cavalo, fixar o olhar no alvo, manter o braço erguido na direção correta do alvo, empunhar com firmeza a vaqueta<sup>14</sup> pontiaguda, para enfim, acertar a argola e resgatá-la. Na pior das hipóteses, o corredor da vez, precisa também da habilidade em saber cair para não se machucar gravemente. Mas o que todo Vaqueiro almeja, durante as rodadas, é conseguir pegar mais vezes a argola para obter a vitória com a soma dos pontos. E com isso ganhar não só o prêmio da competição, mas também, segundo a tradição popular, oferecer as suas companheiras ou pretendentes os anéis como “sinal de amor”.

### **3 Considerações finais**

Sobre as Festas de Vaqueiros no Território de Identidade Baiano do Piemonte Paraguaçu, em sua riqueza simbólica, não há como fechar o ciclo de discussões, mas, observar a continuidade nas questões possíveis de serem problematizadas sobre esse espaço festivo, de labuta e ludicidade, que apontam uma construção coletiva,

---

<sup>13</sup> Chamar o Vaqueiro que vai correr.

<sup>14</sup> Pedaco de graveto ou pequena lança que o Vaqueiro segura para resgatar a argola.

historicamente impregnada de símbolos e códigos que as caracterizam como uma manifestação popular em sua subjetividade operante.

Temos que considerar que, as Festas de Vaquejadas e Argolinhas, não podem ser vistas, apenas, como um processo de derrubada da novilha ou resgate da argola de metal afixada numa trave, que servem de espetáculos rentáveis aos olhos capitalistas. São festividades tradicionais que personificam a imagem de um guerreiro da caatinga sertaneja, que representa a luta pelo reconhecimento do homem do campo enquanto sujeito protagonista de sua história diária, e afirmação do ser Vaqueiro na manutenção de espaços lúdicos concomitantes a prática de seu ofício. São homens e mulheres responsáveis pela conservação dessa cultura, enquanto agentes que preservam a memória, os ritos e as crenças de uma tradição popular.

As Festas de Vaqueiros compõem o repertório imagético das manifestações populares vivas e pulsantes. Estas, que se materializam em cada símbolo latente e manifesto nessas práticas, seja em cada investida do Vaqueiro à novilha, no resgate bem-sucedido da Argolinha, em cada aboio entoado, no gesto realizado, na revelação de um signo, uma imagem ou palavra emitida em sua referência, garantindo assim, a sobrevivência desse espaço de sociabilidade e ludicidade.

As extensões da reterritorialização das Festas dos Vaqueiros fazem parte de um processo de construção e desconstrução do fenômeno em sua origem ruralista: os trabalhos realizados nos mutirões do manejo com o gado, durante a apartação, a derrubada, laçando ou marcando o gado a ferro quente com o desenho de propriedade sobre o animal. Os festejos que surgiram a partir de uma prática laboral, a de ferrar o desenho das marcas de propriedades no couro do réis, tornam-se atividades lúdicas com a realização de torneios e competições. As festividades tornaram-se espaços democráticos e agregadores, onde as manifestações populares se expressam em múltiplas atividades, que misturam comemorações religiosas, profanas, lúdicas e laborais dos Vaqueiros na construção coletiva de seus símbolos.

#### 4 Referências

ALVES. Francisco das Neves (org). Brasil 2000 - **Quinhentos anos do processo colonizatório**: continuidades e rupturas. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2000, pp. 9-28. <http://coral.ufsm.br/mila/publicacoes/reppilla/edicao01-2003/2003%20-%20artigo%201.pdf>. Acessado em 17/07/2016 às 18:06.

ARAUJO, Alceu Maynard. Folgedos tradicionais e populares. In: **Folclore Nacional**. Vol. II, p 265-297. São Paulo. Edições Melhoramentos, 1964.

XII SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
11 E 12 DE DEZEMBRO DE 2017

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In A. Novaes (Org.), **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições Populares da Pecuária Nordestina**. Rio de Janeiro: Série: Documentário da vida Rural, nº 9 - Ministério da Agricultura (Serviço de Informação Agrícola), 1956.

Dicionario da Lingua Portuguesa composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Lisboa.1789. p. 227

FERREIRA, Maria Nazareth. **Comunicação, resistência, e cidadania**: as festas populares. Comunicação e informação. V. 24, nº 02. 2006. Pág. 61-71.

FOUCAULT. Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas/Michel Foucault: tradução Selma Tannus Muchail.- 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.-(Coleção tópicos).

REIS, Lysie. **Aikos Questiona**: qual a identidade do Vaqueiro na nossa memória? Arquitetura em Patrimônio: jul de 2012. Disponível em: [www.arg-chronos.com/2012/07/aikos-questiona-qual-identidade-do.html](http://www.arg-chronos.com/2012/07/aikos-questiona-qual-identidade-do.html). Acesso em: 20/07/2016

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIMENTEL Giuliano Gomes de Assis. *Localismo e globalismo na esportivização do rodeio*. Ver. Bras. Cienc. Esportes, Campinas,v.28, n. 1, p, 91-104, set. 2006

SAMPAIO, Paulo. Acessado em: [sampaolocutor.blogspot.com.br/p/vaquejada-regras.html](http://sampaolocutor.blogspot.com.br/p/vaquejada-regras.html) .Consultado em 11/11/2016 às 15:58

SANTAELLA, Lucia. (1980) Por uma classificação da linguagem escrita. Produção de linguagem e ideologia, 2 ed. Revista ampliada. São Paulo: Cortez.181-206.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. 2012.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980

### Fonte oral

Entrevista concedida em 04 de janeiro de 2016 pelo senhor J. M. S., 75 anos de idade, administrador da fazenda Alvorada em Itaberaba.

Entrevista concedida pelo Senhor S.I.S, de 81 anos de idade. Vaqueiro aposentado da cidade de Boa Vista do Tupim, em 30 de abril de 2016.

Informação obtida em conversa com o Sr. D.M., puxador de vaquejada por todo o Brasil, morador da cidade Itaberaba- BA.

### Outra fonte

Arquivo Público Municipal Roque Fagundes de Souza. Fundo da Intendência Municipal. Grupo da Secretaria da Intendência. Série: Registro marcas de ferro. Data limite: 1883-1931. Estante 34. Caixa 934.